

INTRODUÇÃO

1. Em *People and Nature* (2006), o antropólogo e geógrafo Emilio Moran faz notar que a acentuada transformação humana do ambiente natural, com vista à obtenção de paisagens produtivas, data das eras pré-históricas. Mais do que um argumento, essa evidência aponta o irrealismo de quem, hoje, ainda equaciona os problemas ambientais segundo a velha lógica binária *Natureza versus Humano*.

Esta coletânea tem implícita uma matriz eco-humana, integrativa, coerente com o forte grau de humanização do território português e com o facto de neste se ancorarem, do ponto de vista diegético, as 23 obras literárias analisadas. Estranho seria aliás que as artes miméticas, como a Literatura, se revelassem imunes à Natureza transfigurada por mão humana, num país tão povoado, paisagística e culturalmente tão diverso.

Se a arte literária ilustra “uma certa consciência coletiva” (Reis, 2008), explorar a sua dimensão sociocultural a favor das causas ecológicas e ambientais deste tempo é um exercício de interdisciplinaridade teórica, mas também de abertura a novos rumos de cidadania. No livro de 2016 *Literature as Cultural Ecology*, H. Zapf fala da literatura como “an ecological force within the larger system of culture and of cultural discourses” (p. 27). A ideia não é nova. Vemo-la à distância de um passado recente, nas décadas 1960-1970, a emergir dos estudos literários americanos como resposta académica a estímulos socioambientais de magnitude e gravidade crescentes (Love, 2003; Garrard, 2006). Com ela entramos no campo da Ecocrítica (*Ecocriticism*) e do seu desígnio de intervenção a favor de uma Ecosfera ameaçada, que requer uma abordagem cultural complementar à da especificidade hermética das ciências exatas e das tecnologias.

Para além do clássico elogio das amenidades da Natureza (quase) intocada, disfunções como o aquecimento global da baixa atmosfera, o declínio dos números da biodiversidade, a perda de reservas hídricas, a desflorestação massiva, a poluição, etc. foram ganhando terreno, por todo o mundo, como tópicos literários. De importância mais axial ou mais acessória, sustentam e enriquecem cenários, enredos, personagens.

Enquanto alguns autores têm uma bem definida e muito pessoal geografia literária, cingida ou não às suas terras de origem ou biograficamente marcantes, noutros reconhece-se uma “distinção fundamental entre lugar vivido e lugar escrito”, diz João Barrento (2019:8). Este livro vive dos dois tipos de escritores. O importante é deslindar nas suas criações a “bagagem imaterial de memória” de que fala Gabriel Manilla (2006:6). Memória cultural e ambiental que, sendo a do(s) Alentejo(s), é também a do país, tendente a ligar passado, presente e futuro através da sua habilidade para criar, ainda no dizer do escritor catalão, “significação e sentido para cada nova geração” (p. 15).

2. A função criadora e ou transformadora da consciência ecológica e geográfica dos leitores de romances, contos e novelas foi, portanto, premissa basilar na idealização deste livro. Encontrámos incentivo no brilho estético da mais notável Literatura Portuguesa dedicada à mais extensa e emblemática região do país mediterrânico, que Orlando Ribeiro descreveu cientificamente em *Portugal, O Mediterrâneo e o Atlântico* (1945). No âmbito da literatura de maior liberdade interpretativa, Jaime Cortesão viria a destacar, em *Portugal, a Terra e o Homem* (1966), a inseparabilidade entre a terra alentejana e o seu habitante: “Alentejo e alentejano são duas unidades maciças, para não dizer uma única, tão estreitamente fundidas se apresentam. Aquela terra tinha que dar aquele homem e aquele homem tinha que nascer naquela terra.” (p. 241). Anteriormente, na Introdução a *Alentejo* (1958), da coleção “Antologia da Terra Portuguesa”, Urbano T. Rodrigues evocava esta “‘Terra’ por excelência, nem rocha, nem hortejo, nem pinhal, terra vasta, grave, sortílega, fecunda, envolvente, terra chã [...]”, habitada pelos “mais fraternos dos portugueses”, sujeita ao “sol mais escaldante de Portugal” (pp.7 e 8). E onde as descrições finiseculares do Conde de Ficalho viram um arvoredado dominante todo ele “de um verde apagado, azulado na oliveira, acinzentado na azinheira e sobretudo no sobreiro”, pontilhando uma “charneca inculta [...] também sobre o cinzento”, Miguel Torga (ed. 2015: 84 e 85) achou uma paisagem “parda mesmo quando o trigo desponta e loura mesmo quando o ceifaram”: “A palmilhar aqueles montados desmedidos, sinto-me mais perto de Portugal do que no castelo de Guimarães.”

Na sua história literária, o Alentejo guarda páginas do regionalismo paisagístico de Bernardim Ribeiro e Fialho de Almeida, do bucolismo de Noel Teles de Carvalho, mais tarde do psicologismo de Régio. A temática de cariz social esteve sempre implícita, sob uma ruralidade estampada nos

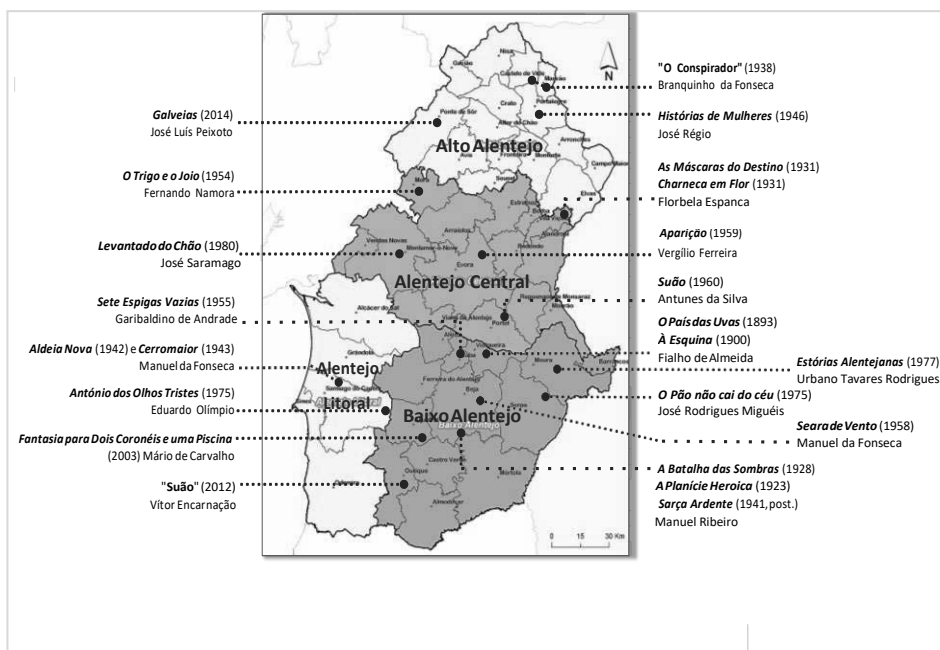
seus contornos mais benignos. Mas ganhou nova forma e novo corpo com o neorrealismo. De vocação mais interventiva e testemunhante dos endemismos económico-sociais do Alentejo, a ficção neorrealista – pela pena de Manuel da Fonseca, Fernando Namora, Antunes da Silva e outros – militou na denúncia das feridas humanas da região, esperando despertar no(a)s leitor(a)s uma consciência de indignação e repúdio. Nas últimas décadas, novo(a)s escritor(a)s, não enquadráveis em movimentos dignos do nome, também elegeram o Alentejo como matéria literária, alguns alertando para questões socioecológicas que o desafiam.

3. A organização deste livro suscitou questões de método sobre os limites geográficos a usar na definição da área em estudo. A mais recente partição territorial por NUT (2013) integra na NUTII Alentejo cinco NUTIII, entre elas a Lezíria do Tejo, parcialmente sobreposta ao Ribatejo. Do ponto de vista identitário, contudo, esta pouco se relaciona com a terra alentejana, razão por que não a incluímos. Pareceu-nos mais coerente, neste trabalho interdisciplinar de base cultural, que o espaço geográfico onde perscrutar cenários da literatura ficcional fosse, sem tirar nem pôr, o da província Alentejo, a mais vasta em que Portugal tradicionalmente se divide. Também o(a)s escritor(a)s, na sua missão criativa, são alheio(a)s à lógica administrativa, inscrevendo as suas referências geográfico-culturais e de imaginário no quadro de um Alentejo que remete para a tradição. A grande província Entre-Tejo-e-Odiana figurava já, aliás, na partição geográfica medieval, em vigor até 1832; em 1936 readquiriu importância, para a perder (como as restantes províncias) na reforma administrativa de 1976. Mas permanece como modelo cultural e identitário na mente e nos afetos dos portugueses. Atualmente, a região corresponde a quatro NUTIII – Baixo Alentejo, Alto Alentejo, Alentejo Central e Alentejo Litoral – que têm correspondência com outras tantas entidades intermunicipais e são geridas em termos de desenvolvimento pela CCDR Alentejo.

A figura seguinte mostra a área de estudo e a localização aproximada dos cenários de ação das ficções estudadas, elaborado como contributo do(a)s autor(a)s deste livro para a Geografia Literária do Alentejo.

A região acomoda-se numa orografia branda – de onde sobressaem os 1025 metros de altitude da serra de São Mamede, os 860 da serra do Sapoio ou os 650 da serra D'Ossa – e vive ao sabor de um ambiente climático que progride da forte oceanidade do terço ocidental até algumas marcas de continentalidade interior. Um clima temperado de verões quentes e secos e invernos frios e húmidos, com duas exceções: na faixa litoral, onde o calor

estival é mais ténue, e numa pequena área irregular do distrito de Beja, onde a distância à atmosfera marítima produz um Clima Árido de estepe (Macedo, 2019). O litoral é a área mais a salvo das preocupantes tendências imputáveis às alterações climáticas, estimadas para a região em cenários até 2070: aumento das temperaturas médias do ar e da frequência, intensidade e duração de ondas de calor e diminuição da precipitação média. Contudo, apesar disso e da descida de população residente, o Alentejo está bem longe de se reduzir a uma epítome a perder de vista da pobreza e solidão humanas.



Geografia literária do Alentejo representada neste livro:
Localização aproximada (nível de concelho) dos cenários principais
das 23 obras estudadas.

Fonte do mapa base: <https://www.ccdr-a.gov.pt/index.php/10-regiao-alentejo/regiao-alentejo>

Englobando as bacias hidrográficas dos rios Sado e Mira, a parte sudoeste da bacia do Tejo e parte significativa da do Guadiana, a região tem desde o início deste século maior disponibilidade hídrica para regadio, garantida pelo empreendimento do Alqueva. Muito variada em termos de solos, com destaque, a nível de qualidade, para os férteis barros de Beja, o principal uso do

solo é florestal, com prevalência dos montados de sobreiro e azinheira e uma concentração de aproximadamente 80% da área nacional de pastagens sob coberto (*op. cit.*). A tradição de predomínio agrário cedeu a uma economia diversificada, com produtos locais de apreço internacional e um crescente interesse turístico, em parte sustentado pelo Grande Lago e pelos 170 km de uma faixa costeira das mais bem preservadas da Europa. Outra fonte de atração resulta das políticas de valorização ambiental e conservação da natureza: no Alentejo localizam-se seis áreas protegidas de categoria nacional, uma Reserva da Biosfera, várias Zonas de Proteção Especial para a Avifauna e uma Zona Húmida de Importância Internacional. Esta evolução do território e dos modos de vida não impediu, porém, que continue a perder população, cifrada em 509 849 habitantes no ano de 2011 e desigualmente repartida pelos 47 concelhos. Apesar da densidade média de 19 habitantes/km² (6 hab./km² em Mértola) e do maior índice de analfabetismo (11,8%), o Alentejo acompanhou a descida deste no país e detém, a par do mais alto índice de envelhecimento, também o mais elevado na longevidade.

4. Recorremos de novo a Urbano (1958:7): “[...] o Alentejo é das províncias de Portugal aquela que na nossa literatura aparece como figura sobressalente e decisiva, mesmo quando devera ser cenário.” Na verdade, a herança de identidade histórica, cultural e eco-humana, o cromatismo suave, a quase abstração dos horizontes, a rarefação populacional – tudo criou uma espécie de “aura” da terra alentejana, que emerge do todo nacional ainda com muito por decodificar. Também aí reside o nosso objetivo: sob o eixo temático enunciado, iluminar linhas de sentido em obras romanceadas em torno do Alentejo – dos vários Alentejos – as quais, não sendo novas, podem ler-se sob a ótica de grandes problemas que desafiam as sociedades de hoje. Não se pretende uma coletânea exaustiva (vários nomes notáveis ficaram de fora: Bernardim Ribeiro, Brito Camacho, Afonso Cruz, etc.), mas apenas fundamentadamente ilustrativa do muito que há a absorver desta extensão meridional através de figuras maiores da Literatura Portuguesa que a viram ou veem como inspiração.

Na maioria das ficções abordadas não se deteta uma mensagem de tónica ecológica, no sentido voluntário e consciente do termo, contemporânea da criação. Nota-se, sim, discursos que refletem a construção antrópica da paisagem, fruto de milénios de povoamento adaptativo às potencialidades e restrições naturais, assim como ameaças que a desequilibram. Por entre as suas inquietações existenciais, filosóficas, sociais, po-

líticas, o(a)s escritor(a)s estudado(a)s descobrem o temperamento regional do(s) Alentejo(s), o património agrário e os ciclos de renovação vividos entre a imobilidade dos horizontes e o formigar das fainas, os regimes de posse e herança da terra, as forças telúricas, as polaridades sociais, as secas mortíferas, habitats e espécies agredidos, os mitos que enchem o imaginário popular, a luz do Sul e as suas obscuridades, a solidão e o silêncio. Em autênticos cânticos a uma natureza em boa parte já transformada, em páginas cruas de denúncia ou escrita antecipatória sobre desafios que o futuro viria a trazer, o Alentejo é muitas vezes personagem, mas sempre cenografia e tema.

Raramente se encontra eco do ideal do cultivo da terra, longe das metrópoles, num conceito que renasce neste século XXI e ocupou Feliciano de Castilho nos meados do século XIX, em *Felicidade pela Agricultura*. Também o regozijo de visitante com as amplitudes alentejanas, que Torga lavrou em *Portugal* (ed. 2015:84) – “Tenho sempre onde consolar os sentidos” – está ausente de muitas personagens destas 23 obras. Igualmente ficou pelo caminho em algumas delas, perdido entre as agruras do trabalho e a magreza de recursos, o sentimento de natureza, esse “amor desinteressado ao campo” de que fala Unamuno (ed. 2009:154). Mas, num sentido ou noutro, esses textos podem olhar-se como documentos fidedignos e lúcidos para a história geográfica, etnográfica e ambiental do país e da região.

Pensámos este livro como de homenagem e de reflexão crítica sobre o Alentejo enquanto lugar inspirador para a escrita ficcional. O(a)s dezanove autore(a)s dos capítulos, oriundos de uma pluralidade de meios académicos e profissionais, ensaiaram outras leituras desse espaço geográfico e outra focagem da sua literatura, produzindo artigos que estão entre, ou são um misto de teoria e análise.

5. Abrimos com peças de um conjunto documental com século e meio de idade, recolhido por Maria João Ramos no Arquivo Distrital de Beja (1864-1866): *Processo da concessão de licença a James Mason, director da mina de S. Domingos, freguesia de Sant’Anna de Cambas, concelho de Mértola, para fundar, no sítio denominado Achada do Gamo, na mesma Freguesia, um estabelecimento metallurgico, comprehendido na 1ª classe das tabellas annexas ao Decreto de 21 de outubro de 1863*. São quatro excertos de interessantíssimo teor em “cidadania ambiental”, relativos à implantação de uma fábrica para processar o cobre extraído da Mina de S. Domingos. Entre eles, a reclamação de 160 habitantes da freguesia (37 as-

sinando com nome, os restantes com cruz), que aponta efeitos nocivos esperados na saúde, qualidade do ar, vegetação, cultivos e solos circundantes; seguida da resposta do empreendimento, alegando “interesses da civilização” (sic) e a distância segura dos montes habitados às emissões atmosféricas da fábrica, acusando ainda os reclamantes de um medo “quimérico”. Segue-se o **Capítulo 1**, onde Gabriel Rui Silva presta tributo à grande figura da literatura portuguesa e do Alentejo que é Manuel Ribeiro, através da reflexão sobre três dos seus romances, na exposição que fazem da campina do pão em redor de Beja e das gentes charnequenhãs que no Baixo Alentejo permanecem em ritos de trabalho ou apenas o cruzam, em hábitos ancestrais de nomadismo. No **Capítulo 2**, o beirão Vergílio Ferreira, para sempre unido ao Alto Alentejo pela experiência como professor liceal em Évora, é objeto da atenção de Jorge Costa Lopes, que aplica o seu neologismo “topografema” a dois romances vergilianos repletos de quadros da urbanidade eborense e da planície, simultaneamente deslumbrante e trágica. Dois outros romances, dos neorrealistas alentejanos Garibaldi de Andrade e Antunes da Silva, ocupam Maria João Marques no **Capítulo 3**, que incide sobre as imagens etnográficas e paisagísticas da vida dos seareiros, consumida pelo excesso de faina, o suor, o cansaço dos solos, a falta de água.

Voltamos à planície mais a norte, agoira a que envolve Montemor-o-Novo, historicamente feita território de base latifundiária, onde cabem a “geografia ampla” politicamente comprometida e a voz devolvida aos “sem voz” do romance-documentário *Levantado do Chão*, de Saramago, que no **Capítulo 4** é matéria de reflexão de Carlos Nogueira. O **Capítulo 5**, assinado por Natália Constâncio, dedica-se a um “cronovalema” de Mário de Carvalho (talvez a mais claramente ecológica de todas as ficções analisadas), para apurar como o enredo, com localização indefinida no Baixo Alentejo, é servido pela figuração de um meio em súbito confronto com a “civilização”, personificada em dois coronéis, e defendido no piar indignado de um mocho. Regressamos a território do Alto Alentejo interior no **Capítulo 6**, espaço de Fátima Velez de Castro para desenvolver uma leitura geográfica de *Galveias*, romance cenicamente autobiográfico de José Luís Peixoto, partindo do conceito múltiplo de *sencescapes* e salientando a importância dada pelo escritor ao poder da terra na identidade dos sujeitos. De que modo a categoria do espaço geográfico campestre é trabalhada e como serve personagens e narrador no romance histórico-social de José Rodrigues Miguéis *O Pão não cai do céu*, uma história de opressão, pobreza e fome com cenário “entre a raia e o Guadiana”, é o estudo

desenvolvido por João Minhoto Marques no **Capítulo 7**. Já no **Capítulo 8**, Ana Cristina Carvalho compara o romance *Suão*, do eborense Antunes da Silva, e o conto “Suão”, do ouriquense Vítor Encarnação, privilegiando a transmissão literária do “vento do deserto” e outros aspetos fustigadores de terras e gente de um clima que, no meio século entre a escrita dos dois textos, deixou de ser o que era. O **Capítulo 9**, de Joana Portela, mostra como das *Estórias Alentejanas* e de *A Luz da Cal*, de Urbano Tavares Rodrigues, transparece uma geografia biográfica e afetiva, uma “rota do paraíso” que nas margens do rio Ardila vem encontrar-se com a geografia literária.

A prosa contística de José Régio, cujo pano de fundo são as paragens de Portalegre e da serra de S. Mamede, é abordada por Manuel Nunes no **Capítulo 10**, onde sabemos da atenção sentimental reservada pelo escritor presencista à região, seu “fado” transtagano vertido para uma escrita rica em alusões aos cultivos, aos labores agrícolas e pecuários, à imprevisibilidade do clima. O **Capítulo 11** foca dois romances e um livro de contos de Manuel da Fonseca, interpretados por Sandra Dias sob o prisma da centralidade narrativa de cenários paisagísticos do Baixo Alentejo, donde sobressaem o cante e o vento, bem como traços da ruralidade, nas décadas do Estado Novo. A leitura da poesia de Florbela Espanca, entrançada com a dos seus contos e articulada com o filme de Vicente do Ó sobre a poetisa de Vila Viçosa, preenche o **Capítulo 12**, da lavra de Teresa Mendes e Luís Cardoso, que encontram no Alentejo natal, “claramente o eixo de Florbela”, a base da contraposição paisagem interior / paisagem exterior da sua escrita e, nesta, o valor simbólico do sobreiro.

Fernando Namora, forasteiro bom conhecedor da zona de Pavia, é objeto do **Capítulo 13**, autoria de Sílvia Quinteiro e Ana Salgueiro da Silva, cuja leitura paralela do romance *O Trigo e o Joio* e da fotografia de Artur Pastor permite evidenciar o espaço urbanizado, a organização social em vilas e montes e sobretudo o retrato da “paisagem do trabalho” feita de imensidão, melancolia e do dramatismo das vidas. No **Capítulo 14**, Maria Mota Almeida interpreta um conto de Branquinho da Fonseca, enquadrado em Marvão, que é uma janela aberta sobre o mosaico paisagístico exterior às muralhas deste aglomerado fronteiriço, cruzado pelo rio Sever, pela “fauna alada” local e pelos caminhos serranos do contrabando. O **Capítulo 15**, que Albertina Raposo e Ana Santos assinam, estabelece um paralelo entre a emotividade e o fundo humanista de *António dos Olhos Tristes*, livro ambientado na ruralidade de Alvalade-Sado, saído da pena de Eduardo Olímpio, e a filosofia dos atuais conceitos de Ecologia da Reconciliação e

Ecologia Integral, ambos de inspiração cristã. Por fim, o **Capítulo 16**, escrito em tom vívido e emotivo por quem conhece a terra por dentro, Francisca Bicho, rende homenagem ao escritor Fialho de Almeida e à sua obra feita ilustração do “País das Uvas”, Alentejo Central, com suas extensões vinhateiras e as ocasiões festivas das vindimas do princípio do século XX, seus campos cerealíferos pontuados de gentes do trabalho sob o clima inclemente, seus quotidianos de aldeia.

Acreditamos que este livro preenche um espaço ainda livre no panorama editorial de ciência e de divulgação científica em língua portuguesa, passível de figurar como recurso de referência sobre os desafios ambientais que o(a)s ficcionistas nos colocam. Face à necessidade de construir uma orientação social voltada para a sustentabilidade, sem perder de vista a paixão literária que respiram as obras aqui estudadas, este trabalho coletivo poderá constituir um manual de promoção de novas leituras, novos debates e novas reflexões.

Ana Cristina Carvalho e Albertina Raposo

Maio de 2021

Bibliografia e websites

- BARRENTO, João (2019). Prefácio in Maria Gabriela Llansol – *Sintra em passo de pensamento*. Sintra: Feitoria dos Livros.
- CASTILHO, A. Feliciano de (1849). *Felicidade pela Agricultura*. Lisboa: Europress.
- CONDE DE FICALHO (1888). *Uma Eleição Perdida*. Lisboa: Livraria Ferin.
- CONDE DE FICALHO (1900). “INTRODUÇÃO” In Cincinato COSTA e D. Luís de CASTRO (1900), *Le Portugal au point de vue agricole*. Lisboa: Grande Comissão de Lisboa da representação portuguesa à Exposição Universal de 1900.
- CORTESÃO, Jaime (1987 [1966]). *Portugal, a Terra e o Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda
- CUNHA, Secundino (2012). *Casas de Escritores no Alentejo*. Guimarães: Opera Omnia.
- FIGUEIREDO, Antero de (1918). *Jornadas em Portugal*. Lisboa: Livraria Aillaud e Bertrand
- GARRARD, Greg (2006). *Ecocrítica*. Brasília: Fundação Universidade de Brasília.
- GASPAR, Jorge (1993). *As Regiões Portuguesas*. Lisboa, Secretaria de Estado do Planeamento e Desenvolvimento Regional.
- LOVE, Glen (2003). *Practical Ecocriticism*. Charlottesville e London: University of Verginia Press.

- MACEDO, A. Sousa (coord.) (2019). *Programa Regional de Ordenamento Florestal do Alentejo*, Cap. B. Lisboa: ICNF: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/25573>
- MANILLA, Gabriel J. (2006) *Literatura Oral e Ecologia do Imaginário*. Lisboa: Apenas Livros.
- MORAN, Emilio (2006). *People and Nature*. Malden, USA, Oxford, UK, Carlton, Australia: Blackwell Pub.
- REIS, Carlos (2008). *O Conhecimento da Literatura*. Coimbra: Almedina.
- RIBEIRO, Orlando (1968, 2011). *Mediterrâneo – Ambiente e Tradição*. Lisboa: F. C. Gulbenkian. 3.^a ed.
- RODRIGUES, Urbano T.. (1958). *Antologia da Terra Portuguesa – O Alentejo*. Lisboa: Bertrand.
- TORGA, Miguel (2015 [1950]). *Portugal*. Lisboa: Herdeiros de Miguel Torga e Leya, 10.^a ed.
- UNAMUNO, Miguel de (2009 [1911]). *Por Terras de Portugal e de Espanha*. Lisboa: Nova Veja.
- Biblioteca Digital do Alentejo: http://www.bdalentejo.net/biografias_letra_a.php?letra=A&nome=biografias-alentejanos-category-1&titulo=Personalidades%20Alentejanas
- Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo: <https://www.ccdr-a.gov.pt/>
- Convenção Europeia da Paisagem (Conselho da Europa): <https://www.coe.int/en/web/landscape/home>
- Pordata – Base de Dados Portugal Contemporâneo: <https://www.pordata.pt/>